


CINEMA E MOBILIZAÇÃO SOCIAL NA FRONTEIRA SUL: A LUTA PELA TERRA COMO ENQUADRAMENTO CENTRAL

CINEMA AND SOCIAL MOBILIZATION ON THE SOUTH BORDER: THE FIGHT FOR LAND AS A CENTRAL FRAMEWORK

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.039-023>

Ernoi Luiz Matielo

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Bolsista CAPES
E-mail: ernoy4@hotmail.com

Humberto José da Rocha

Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul UFFS)
E-mail: humberto.rocha@uffs.edu.br

RESUMO

Este trabalho parte de um projeto de Doutorado, oferecendo um diálogo entre os conceitos que integram o cinema e a linguagem audiovisual, remasterizando a teoria do *Frame* e *Máster Frame* e Ciclos de Protestos sob o Quadro Mestre da luta pela terra. Tem como objeto de pesquisa os Movimentos Sociais no Sul do Brasil, estabelecendo como marco temporal aproximado o período entre 1985 e 2000. Metodologicamente o trabalho guia-se-á pela pesquisa bibliográfica e documental a partir de registros oficiais e história oral referencial. Direciona-se sob a perspectiva da Análise Fílmica e pela História e Teoria dos Movimentos Sociais, norteado pelo gênero historiográfico da micro-história, em uma análise sugerida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, no contexto das mobilizações na Região de Fronteiras Sul-Brasileiras.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Enquadramento Central; Cinema Social; Articulação e Luta.

ABSTRACT

This work is part of a PhD project, offering a dialogue between the concepts that integrate cinema and audiovisual language, remastering the theory of Frame and Master Frame and Cycles of Protests under the Master Frame of the struggle for land. Its research object is the Social Movements in the South of Brazil, establishing the period between 1985 and 2000 as an approximate time frame. Methodologically, the work will be guided by bibliographic and documentary research based on official records and referential oral history. It is directed from the perspective of Film Analysis and the History and Theory of Social Movements, guided by the historiographical genre of micro-history, in an analysis suggested by Carlo Ginzburg and Giovanni Levi, in the context of mobilizations in the South-Brazilian Border Region.

Keywords: Social Movements; Central Framing; Social Cinema; Articulation and Fight.

1 INTRODUÇÃO

A trajetória dos Movimentos Sociais no Sul do Brasil, exerce relevante papel na história de lutas e resistências no cenário de posicionamentos e conquistas sociais brasileiras. No decurso das últimas décadas, o cinema e a linguagem audiovisual, têm se apresentado como aliados fundamentais na construção do discurso, articulação de políticas e autoafirmação perante a opinião pública. A presente tematização, recebe acolhida, pela relevância e impacto que a cinematografia tem desempenhado como meio de expressão e mobilização ao longo da saga dos Movimentos Sociais, especialmente no Sul do Brasil, espaço geográfico de fortes tensões sociais históricas (Heinsfeld, 2016; Myskiw, 2016). O cinema e a linguagem audiovisual, como forma de arte e comunicação, apresentam-se como um poderoso mecanismo, capaz de influenciar a consciência coletiva e desencadear reflexões sobre questões sociais e políticas, além de destacar-se pelo forte impacto na mobilização, conscientização e resistência, especialmente pelo olhar de Tedesco; Rocha; Myskiw (Orgs.), (2021), sob o aspecto da oportunização política. A força de alcance mercadológico das obras filmicas, em especial de documentários e produções engajadas, revela-se com ampla capacidade de transmitir narrativas poderosas que ressoam com experiências e aspirações dos participantes dos Movimentos Sociais. Essas obras podem servir como catalisadores para a mobilização popular, inspirando a ação e promovendo a conscientização sobre questões sociais prementes (Uczai, 2024). Deste modo, o cinema desempenha um papel crucial na resistência ao narrar histórias que frequentemente são marginalizadas ou negligenciadas pelos discursos dominantes. Do ato de dar voz à grupos oprimidos, documentar suas lutas, ao oferecimento de uma plataforma de resistência contra estruturas injustas de poder, tais representações visuais desafiam estereótipos, contestam narrativas hegemônicas e fortalecem a resistência por meio da visibilidade. Nesse contexto integra-se às forças de coalizão a trajetória dos Movimentos Sociais no Sul do Brasil, uma luta singular que pode ter iniciado com a Guerra do Contestado (1912-1916), revelado pelas imagens de *Claro Jansson*, conforme confere Rodrigues; Machado; Valentini; etall (Orgs). (2023), e se integralizado às pautas de luta pela terra, com a saga da Fazenda Annoni, em outubro de 1985 (Tedesco; Rocha; Myskiw (Orgs.), 2021). Por este viés, a linha do tempo, entre as imagens originais em película que imortalizaram os Movimentos Sociais, reportagens de televisão e produções sob demanda, a utilização do cinema e linguagem audiovisual, vem se demonstrando fiel aliança na conscientização crítica, fortalecimento do debate e estímulo às discussões mais profundas sobre a análise e a compreensão dos desafios enfrentados pelos Movimentos Sociais. Desta maneira, a abordagem do uso do cinema como instrumento de mobilização, resistência e luta nos Movimentos Sociais, pode explorar uma variedade de aspectos, incluindo a produção de filmes militantes, o impacto das representações cinematográficas na opinião pública, as estratégias de difusão de mensagens por meio do cinema, entre

outros contextos mais específicos. Nesta busca, encontramos amparo nos conceitos filmicos de (Vanoyé e Goliot-Leté, 2005). Notadamente neste trabalho, busca-se analisar e compreender a estratégia e o uso do cinema e linguagem audiovisual, como instrumento de mobilização, resistência, articulação e formação de lideranças e militantes dos Movimentos Sociais, a partir de uma visão que integre o Cinema Social ao Cinema de Guerrilha, originando o conceito de Cinema Social de Guerrilha, o qual explicitaremos mais adiante. Considera-se ainda a especial contribuição do cinema brasileiro, na difusão sensibilização pública para demandas sociais advindas dos mais distintos movimentos e ações que percorrem o tempo ao longo das décadas de 1980, 1990 e anos 2000, no Meridional brasileiro. O interesse pelo tema, advém de preceitos que incluem valores sociais e a vivência do autor, o qual há diversas décadas tem atuado como cineasta e produtor de conteúdo em projetos etnográficos que imortalizam a memória regional, frente ao desafio de resgate e socialização de temas da mais profunda relevância antropológica e de conservação folclórica e étnica do manancial histórico, o qual já tematizou sagas regionais conectadas aos Movimentos Sociais, por meio do Cinema Social e de Guerrilha, na imortalização e debate da memória do Contestado.

No aspecto acadêmico, nos valeremos dos princípios de Hagemeyer (2012), que associa as obras cinematográficas à uma contra análise da sociedade, na compreensão contextual e social de sua produção, paralelo ao conceito de simulacro de Baudrillard (1996), o qual insere-se no espaço entre o real e o imaginário, incorporando ainda conceitos sobre os Movimentos Sociais a partir de Gohn (2008), da pedagogia, ensino de história e sobretudo a possibilidade de debruçarmo-nos sobre os conceitos de Vainfas (2002) e Valim (1997), sobre os novos domínios da historiografia.

Neste trabalho, como objetivo de estudo, procura-se estabelecer uma relação entre a arte cinematográfica e a linguagem audiovisual como instrumento de articulação, mobilização e resistência no surgimento dos Movimentos Sociais no Sul do Brasil, especialmente pelo campo do Cinema Social de Guerrilha. partindo dos conceitos de *frames, master frames e ciclos de protestos* de Snow; Benford (1992).

Metodologicamente nos guiaremos pela pesquisa bibliográfica e documental a partir de registros oficiais e história oral referencial. Direciona-se sob a perspectiva da Análise Fílmica e pela História e Teoria dos Movimentos Sociais, tendo ainda como elemento centralizador do presente estudo, o gênero historiográfico da micro-história, em uma análise sugerida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, a qual trará procedimentos reais detalhados, que contribuirão para uma compreensão geral dos fatos (VAINFAS, 2002). Trataremos com o devido rigor, informações elencadas por meio de pesquisa qualitativa, tendo o direcionamento da história oral com base na teoria de Alberti (2004), além de análise fílmica com base nos estudos de Francis Vanoye & Anne Goliot-Lété (2005), e contribuições de Jacques Aumont (1996, 2003, 2004).

2 MOVIMENTOS SOCIAIS E MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA

Ao longo do processo de modernização da agricultura, cujo procedimento objetivava entre outras finalidades, a especialização das atividades agrícolas e a transferência de trabalhadores para o setor urbano, importantes segmentos sociais do campo, promoveram resistência (Picolotto, 2007). Em diversas localidades do Brasil, especialmente na Região Sul, ainda na década de 1970, os pequenos agricultores, os “sem-terra”, os “atingidos por barragens”, os indígenas, os quilombolas, as mulheres trabalhadoras rurais, entre outras classes, se organizaram em luta contrária a expropriação dos meios de produção, idealizando alcançar alternativas para a continuação de sua representação social (Picolotto, 2007). Tais ações destes grupos constituíram o que se concebe na sociologia como Movimentos Sociais, cuja origem rural remonta ao início da década de 1980, no Sul do Brasil (Picolotto, 2007). Nesta época, o sindicalismo “rural tradicional”, recebe forte questionamento das oposições sindicais que originaram o “novo sindicalismo” em uma cooperação na criação da Central Única dos Trabalhadores - (CUT) (Picolotto, 2007). Expressivos segmentos marginalizados do campo pela militância externa à institucionalidade estabelecida, deram origem à notáveis Movimentos Sociais: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB); Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR); e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) (Picolotto, 2007). A trajetória de tais atores sociais congrega uma vasta lista de ações coletivas e de experiências socioeconômicas, posicionando-os como edificadores de uma nova ordem contra-hegemônica, estruturando experiências de viabilização e autonomia de suas bases sociais (agricultura alternativa, associações de cooperação, assentamentos e reassentamentos, entre outros.) (Picolotto, 2007). As interferências direcionadas à institucionalidade, estabeleceram a ampliação de espaços, na promoção da cidadania e democratização do Estado (Picolotto, 2007).

Contudo apesar do alcance e das múltiplas manifestações políticas, acessadas por tais movimentos além das ações desencadeadas como alternativa para o campo, o êxodo rural continuou em várias regiões do país, incidindo especialmente em regiões de franca modernização da agricultura (Picolotto, 2007). O progresso deste segmento, ganhou maior evidencia na década de 1990 e nos anos 2000, em que o já referido grupo de atores sociais, evoluiu para a formação de organizações representativas, originando a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul – (Fetraf-Sul), o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Urbanas – (MMTU) e o Sindicato dos Trabalhadores na Educação – (SINTE-SC), entre outras articulações ligadas ao sindicalismo cutista na Região Sul e a seção brasileira da Via Campesina, que articula o MST, MPA, MAB, MMC (Picolotto, 2007). As novas organizações gerais passam a influir na construção de identidades coletivas gerais entre os movimentos (Picolotto, 2007). Se por um lado a Fetraf-Sul apropria-se da identidade da agricultura familiar para construir unidade às suas bases sindicais, em outro aspecto a Via Campesina, adota a identidade internacional de camponês para integrar as bases dos

movimentos associados (Picolotto, 2007). Entretanto, as abordagens envolvendo os Movimentos Sociais no Brasil, especialmente no Meridional brasileiro, condicionam-se a descrição dos processos que deram origem aos movimentos, lutas e transformações alcançadas, ocultando os processos midiáticos e discursivos à estes proporcionados por múltiplas ferramentas como os meios de comunicação, em especial o cinema e a linguagem audiovisual, peças fundamentais empregadas na mística expressa no cotidiano das ações, como representação simbólica da luta (Picolotto, 2007; Dresch, 2024).

3 CINEMA SOCIAL DE GUERRILHA: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E LUTAS SOCIAIS

Na investigação geral das lacunas apresentadas no item anterior, manifesta-se o anseio de compreender a intrínseca relação entre cinema e história e a conseqüente origem de novas dinâmicas sociais no campo, proporcionadas pelo uso de obras cinematográficas e de audiovisuais. A conformação deste cenário histórico de lutas, perpassa os estudos de Heinsfeld (2016), o qual aúfere à dinâmica da fronteira, como um espaço conceitual histórico, fundamental para a compreensão dos processos sociais, políticos e culturais que imprimiram o espaço da Fronteira Sul. Ressalta o autor, que a fronteira não é uma demarcação estática, mas sim uma categoria que exerce dinamismo, marcada por disputas, negociações e transformações continuadas (Heinsfeld, 2016). Com vistas a aprofundarmos a configuração do espaço geográfico em tela, elencamos Myskiw (2016), o qual infere que as fronteiras da região Sul não foram meramente definidas por tratados ou marcos territoriais, sendo gradualmente construídas por meio de contendas, negociações e ocupações humanas. Um contínuo processo que ao longo dos anos envolveu circulação de pessoas, trocas culturais, conflitos e redefinições territoriais (Heinsfeld, 2016).

Cenário de constante litígio, a Fronteira Sul, teve sua trajetória marcada pela prevalência de estâncias e reduções jesuíticas e até mesmo investidas militares, sendo fortemente impactada por tratados como o de Madri (1750) e o de Santo Ildefonso (1777). Contudo, tal porção geográfica constitui-se ao longo do avanço colonizatório, em um franco entendimento de espaço vivo, perpassado por ambigüidades, as quais tanto separam, quanto integram povos e territórios (Myskiw (2016)).

No palco das articulações, lutas sociais e a resistência no Sul do Brasil, destaca-se em especial a contribuição da pesquisadora Elenita Malta Pereira, autora da obra *Movimentos Sociais e Resistência no Sul do Brasil (2020)*, a qual aborda as lutas, resistências e conquistas dos principais Movimentos Sociais do país na contemporaneidade, como: movimentos de resistência negra, feminista, de luta pela terra (MST, indígenas e quilombolas), LGBTQIA+, ambientalista, agroecológico, estudantil, operário, as Diretas-Já, a luta pela moradia e a defesa do patrimônio e da soberania alimentar. A égide de Vainfas e Cardoso (2012), na obra *Novos Domínios da História*, pontua a importância do cinema para a compreensão da história. Na obra *Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil questões contemporâneas (2018)*, Tedesco, J.C., Seminotti, J.J., e Rocha, H.J (2018), trazem um apanhado da luta e mobilização na segunda metade

do século XX.

Reconhece-se ainda a atuação de diversos teóricos de áreas interdisciplinares da ciência, sobre a influência do cinema na difusão de ideias: Autores como McLuhan (2005), Benjamin (1987), e Kracauer (1988-2012), os quais compreendem o cinema como uma forma de expressão artística e veículo de mensagens sociais e políticas. Esses pensadores oferecem perspectivas diversas sobre como o cinema desempenha um papel crucial na disseminação de ideias e na formação da consciência coletiva. Assim, para além de entretenimento, a arte do cinema como produto cultural, mostra-se como importante meio para a difusão de ideias, comportamentos e sonhos, na construção indentitária civilizacional.

A partir disso, atrever-nos-emos conceituar o padrão de produção e distribuição das obras cinematográficas adotadas pelos Movimentos Sociais na porção Meridional do Brasil, como “Cinema Social de Guerrilha”, um conceito que se estabelece, partindo da apropriação de duas categorizações distintas e pouco evidenciadas: De um lado encontra-se o Cinema, como um elemento integrativo a partir do consumo de um produto que representa o convívio coletivo e a sociabilidade, integrados por preceitos de Durkheim (2007), acerca da psicologia social e a concepção de Jodelet (2001), sobre a dimensão sociológica. Este primeiro preceito, está ligado aos modos de acesso e consumo da cinematografia. Na outra extremidade, localiza-se o Cinema de Guerrilha, expressão usada para designar filmes de baixo orçamento, ausentes de leis de incentivos. O conceito defendido pelo crítico norte-americano Roger Joseph Ebert (1981-2024), é amplamente difundido no mercado cinematográfico, combinando táticas mercadológicas de produção, distribuição e marketing de guerrilha.

4 A FILMOGRAFIA DA MOBILIZAÇÃO SOCIAL: FRAMES E CONSCIÊNCIA NA LUTA PELA TERRA

Uma busca preliminar, mostra que entre 1985 e 2000, pelo menos 13 obras cinematográficas, foram utilizadas com maior frequência no Sul do Brasil, em projeções públicas, na sensibilização para temáticas inerentes aos movimentos, o despertar para a consciência de classe e especialmente na conscientização para a luta pela terra (Uczai, 2024) As produções: *Terra para Rose* (1987) e *Anel de Tocum* (1994), surgem como as obras filmicas mais populares e usadas, conforme a consulta inicial. Neste propósito, os pressupostos de uma análise filmica, aos moldes de Vanoyé e Goliot-Leté (2005), guiam-nos pelo processo de desmembramento de um filme, seleção de suas partes integrantes e interpretação, o que notadamente passa pela interpretação e exame de elementos como narrativa, composição, técnicas de filmagem, montagem e som. Assim nos é possível em um primeiro momento, debruçarmo-nos sobre a integralidade da peça, compreendendo o funcionamento das referidas obras, seus efeitos produzidos no espectador, perpassando densas camadas as quais vão muito além de uma insipiente sinopse ou opinião pessoal à cerca

do cinema e linguagem audiovisual, como elemento de mobilização, sensibilização e tomada de consciência (Vanoyé e Goliot-Leté, 2005).

À este despeito, pode-se observar que fatores como a similaridade do que é apresentado em tela e a sórdida realidade de quem luta pela terra, em certa medida, são mixadas e equalizadas no que se segue aos princípios de Hagemeyer (2012), que associa as obras cinematográficas à uma contra análise da sociedade, na compreensão contextual e social de sua produção, sendo endossado pelo conceito de simulacro de Baudrillard (1996), o que em instância inicial convalida os fatos iniciais de que o cinema e a linguagem audiovisual, contribuiu para a catalisação de ideais para a mobilização social.

Contudo, uma apuração mais profunda de como elementos ligados a obras fílmicas agem e interagem com o espectador, no que tange os processos de mobilização para a luta e o agrupamento coletivo em específico, requer uma abordagem que passa a atuar como decupagem do processo de mobilização social: Uma teorização mais consentânea ao atendimento dos propósitos de reciprocidade temática que conecta a linguagem imagética a abordagem dos Movimentos Sociais nos é apresentada por Snow; Benford (1992), na tematização *Frame e Master Frame e Ciclos de Protestos* (Snow; Benford, 1992).

O critério de definição quanto a corrente teórica, nos oferece um denso diálogo que ao passo em que caracteriza-se pela clareza das ideias, nos permite conjecturar a paranomásia que habita a terminologia técnica, praticando uma perfeita relação de trânsito entre um campo e o outro na decodificação textual. O ponto inicial reside no fato de que inusitadamente a produção cinematográfica, pode ser associado à esta concepção, partindo do pressuposto que a peça fílmica principal, não por acaso é chamada de máster, a qual representa a totalidade da obra reunida como matriz. Entretanto sua montagem é construída a partir da integração de várias cenas agrupadas, as quais em cada segundo de imagens apresentam 24 quadros, tecnicamente chamados de *frames*, que são fragmentos de imagens que se ligam para dar movimento à cena (Aumont, 2003; Konigsberg, 1987). Foi assim que *Eadweard Muybridge*, descobriu a imagem em movimento em 1872, após realizar o disparo sequencial de câmeras em uma corrida de cavalos (Aventuras, 2024). Em seguida, com a descoberta do cinema, as montagens fílmicas passaram orientarem-se pelo quadro a quadro. (Aventuras, 2024; Aumont, 2003; Konigsberg, 1987).

Retomando o caso em tela, o cinema e a linguagem audiovisual, para Matielo (2024), são elementos fundamentais, para a propagação e ideias e conceitos de mobilização e luta entre os Movimentos Sociais, uma vez que conseguem reter a atenção do espectador na dinâmica da “venda” de um *frame* (um fragmento) ou de um *máster frame* (o conjunto da obra). O conjugado de elementos teóricos, está presente na obra *Master Frames and Cycles of Protest*, em que Snow; Benford (1992), apresentam uma abordagem teórica e emitem conceitos conexos à protestos e Movimentos Sociais. Para os autores, o termo "*master frames*" refere-se às estruturas conceituais e narrativas que moldam a compreensão e a organização desses movimentos (Snow; Benford, 1992). Conforme inferem "*cycles of protest*" exploram os padrões

recorrentes de mobilização social ao longo do tempo (Snow; Benford, 1992). Os autores debruçam-se em analisar como determinados quadros conceituais se tornam dominantes em diferentes períodos e contextos, influenciando a forma como os Movimentos Sociais são percebidos e articulados (Snow; Benford, 1992). Para os autores, os ciclos de protesto, como movimentos, surgem, crescem, atingem seu pico e eventualmente diminuem (Snow; Benford, 1992). Os autores Snow; Benford (1992), buscam fornecer insights sobre a dinâmica dos Movimentos Sociais e como as estruturas conceituais moldam sua evolução ao longo do tempo. A terminologia *master frame* (quadro mestre) foi originalmente concebido para oportunizar a observação empírica de que ciclos de protesto emergem ocasionalmente na ausência de uma estrutura de oportunidades políticas (POS) favorável. A teorização perpassa a contextualização da atividade de *framing* (enquadramento), de organizações de movimentos individuais, direcionando-se para a exploração de funcionamento dos *frames* em um contexto ampliado (Snow; Benford, 1992).

Por outro lado, na linguagem cinematográfica, enquadramento é o termo usado para referir-se a seleção e o posicionamento de campo visual, visto na tela, selecionando o que o espectador vê e a forma como o visualiza tal recorte de realidade. A ação encarrega-se ainda de apresentar uma definição de quais elementos cênicos estarão contidos no interior do quadro, o que inclui as dimensões da imagem, ou seja: o plano e o ângulo da câmera em relação ao objeto ou personagem filmado. A opção ou critério de escolha do enquadramento constitui-se de criativo ferramental, indispensável na perspectiva de transmissão de emoções e contextualização a qual guia a percepção do expectado para o que se objetiva apresentar na imagem (Primeiro, 2025).

Feita a correlação, dado que o POS foi teorizado como automotriz dos ciclos de protesto, inventariou-se uma explicação alternativa do ponto de vista do enquadramento do movimento social para encarregar-se dos casos em que vários movimentos se agruparam durante um período, embora as condições estruturais não parecessem ideais para mobilização generalizada (Snow; Benford, 1992). Diante de tais condições, um ciclo de protesto poderia ser atribuído, em parte, ao desenvolvimento de uma estrutura mestra ressonante (Snow; Benford, 1992).

Para aprimorar o entendimento sobre tais conceitos, nos valeremos de Rocha (2018), autor o qual ao tratar sobre a relação entre o MASTER, que é um movimento que antecede ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – (MST) e Os Afogados do Passo Real, um grupo que antecedeu ao Movimento dos Atingidos por Barragens – (MAB), aprofunda a tematização com vistas a decodificar os elementos os quais são construídos na relação entre os conceitos de “Ciclos de Protestos” (Tarrow, 2009) e “*Social Movement Industry – (SMI)*” (Mccarthy; Zald, 1977), os quais oportunizam a compreensão da maneira pela qual a mobilização social adquire unidade ao longo do tempo. Para Rocha (2018), este entendimento é considerado fundamental para o avanço na compreensão conceitual de “*frame*” elaborado por David A. Snow e Robert D. Benford. A palavra de origem inglesa, “*frame*” expressa a ideia de “quadro”

ou “moldura” a qual simbolicamente induz “um esquema interpretativo que simplifica e condensa o mundo lá fora pontuando seletivamente e codificando objetos, situações, eventos, experiências e sequências de ações dentro do ambiente presente ou passado” (Rocha, 2018).

Na decodificação de Rocha (2018), à cerca da visão dos autores, em um cenário de ação coletiva, a importância de um “*frame*” reside nas competências de “atribuição e articulação”. Conforme a percepção do autor ao referir-se ao conceito original, a órbita de atribuição, a referência de um *frame* apresenta-se como um importante elemento, capaz de detectar e oferecer resolutividade aos problemas (Rocha, 2018). Nesta condição, observa-se a estreita relação, especialmente pelos Movimentos Sociais, especialmente aqueles ligados à luta pela terra, como foi o enunciado caso dos Sem-Terra e dos Atingidos por Barragens, os quais buscaram integrar pessoas após absterem-se de suas terras em razão de episódios ligados ao desenvolvimento e modernização da agricultura, e expropriação rural, além de acontecimentos como a tônica da geração de energia e o suprimento de demandas de recursos hidrelétricos renováveis (Rocha, 2018). Para Rocha (2018), a ampliação de escala, produz efeitos na multiplicidade elevada de recursos e objetivos inter-relacionados, assim, a capacidade integrativa de um *master frame* vincula-se às variáveis como a competência de atribuição, condições de fidelização ou centralidade narrativa e sua acreditação e idoneidade empírica ou comensurabilidade experimental (Rocha, 2018 p. 145; Snow; Benford, 1992, p. 138). Em análise à capacidade integrativa do referido *master frame* com base nos pontos evidenciados por Snow e Benford (1992), Rocha (2018), considera que a “luta pela terra” seria o “*master frame*” que identificaria atingidos por barragens e sem-terra. No campo da articulação, Rocha (2018), pontua que a semelhança entre os atores de um movimento de atingidos por barragens, com os personagens integrados em um movimento de trabalhadores sem-terra, reside no fato de que tanto um grupo quanto o outro é constituído por expropriados, impactados por uma política desenvolvimentista, confere fidelidade e credibilidade para uma narrativa de estigmatização e luta a qual condizia com a realidade empírica daqueles que por um ou outro motivo acabaram em um acampamento, emoldurando conformando este quadro. O autor considera que as relações que Snow e Benford (1992), evidenciam entre o trio de conceitos representados pelos “ciclos de protesto”, “repertórios” e “*master frames*”, são elementos elucidativos, ao passo que um *master frame* está associado à emergência de um ciclo de protesto (Rocha, 2018, p 145; Snow; Benford, 1992, p. 142).

Como visto, os *frames* são molduras interpretativas que simplificam e articulam problemas complexos, enquanto o *master frame* é uma estrutura maior o qual integra múltiplas visões de mundo. Por meio do cinema, *frames* foram difundidos ao longo do período em tela, em sessões organizadas com as comunidades impactadas, ampliando o impacto de lutas como a reforma agrária e a resistência a barragens (Uczai, 2024; Dresch, 2024; Santin, 2024; Melchiors, 2024). Na obra *O Queijo e os Vermes* (2006), Ginzburg reconstrói a vida e o pensamento de Menocchio, um moleiro italiano do século XVI julgado pela

Inquisição por suas ideias heréticas. A partir dos autos do processo, o autor mostra como um homem comum, com base em suas próprias experiências e leituras fragmentadas, reconfigurava uma cosmovisão própria, que desafiava a ordem religiosa e intelectual dominante do período. Os Movimentos Sociais, especialmente os contemporâneos, semelhantemente surgem quando indivíduos e grupos subalternos reinterpretam o mundo, questionam narrativas hegemônicas, construindo novos sentidos coletivos de ação identitária. Nesse contexto, há uma relação, que se estabelece na produção de significado e na resistência cultural. Da mesma forma como Menocchio, os Movimentos Sociais reinterpretam conhecimento e poder, gerando novas linguagens e discursos. Nesta visão os *frames*, no conceito de Snow e Benford (1992), constroem espaços simbólicos de contestação, sejam eles na praça, nas redes ou na arte, os quais são amplificados pelo poder da imagem e a magia do cinema e da linguagem audiovisual (Snow; Benford, 1992; Ginzburg, 2006; Matielo, 2024).

Feito o devido diálogo conceitual, ao nos encaminharmos para o arrazoado final, convém dizer que o campo dos acontecimentos envolvendo a teorização entre os conceitos aqui versados, a fronteira, indubitavelmente apresenta-se como o palco dos principais eventos inerentes à temática, na observância que a mesma não deve ser vista apenas como limite do Estado, mas especialmente como campo de práticas sociais (Myskiw, 2016).

Notadamente as transições entre diferentes campos, seja no contexto das imagens e percepções dos Movimentos Sociais, seja no cenário político dada a alternância as quais envolvem relação de poder, os acontecimentos que integram a dialética da Fronteira Sul-Brasileira, seguem propagando suas leis de causa e efeito: a Universidade Federal da Fronteira Sul – (UFFS), é segundo Myskiw (2021), uma conquista dos Movimentos Sociais, rurais, integrada à um importante projeto formativo para jovens, o que nos remete ao entendimento que os Movimentos Sociais, permanecem integrados ao cotidiano da região Meridional brasileira. Tal conquista evidencia a capilaridade e protagonismo dos Movimentos Sociais na Fronteira Sul-Brasileira, o que sugere um alto valor de aceitação como um *Master Frame* que acolhe diferentes perspectivas e *frames* secundários e que em alguma medida, possa ter sido impulsionado apoiado pelo contexto imagético ferramental cinematográfico, especialmente o da linguagem audiovisual, tendo sido amplamente positivados por estes meios que informam, educam e entretém. Muito embora os *frames* originários de distintas demandas, em certa medida, ainda tremulem no mastro dos acampamento como ideais ainda não alcançados, historiografia sobre a escravidão antiga, especialmente a romana, nos revelam que a ausência de agrupamentos coletivos, na construção de *frames de ação coletiva*, encarregou-se de solidificar fronteiras étnicas no universo de ex-escravizados, em vez de fluidificar caminhos, rumo à reconfiguração social entre a convivência de negros e brancos (Joly, 2015, p. 69-78).

Por fim, ao retomarmos o caso em tela cumpre-nos a obrigação de referendarmos a arte como um forte elemento catalizador e aglutinador humano no campo das lutas sociais. E assim, diversamente da

associação que a sétima arte receba, nos mais diversos campos em se tratando de utilização, seja como arte, entretenimento, uso educacional ou científico, o cinema originalmente surgiu como apreciação de registros na representação da história (Hagemeyer, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atualização da agricultura no Brasil produziu resistência entre segmentos sociais do campo, especialmente no Sul, evidenciando a luta de pequenos agricultores, sem-terra e atingidos por barragens. Nos anos entre 1980 e 2000, o cinema e a linguagem audiovisual tiveram relevante uso como instrumentos de mobilização, formação e articulação política por Movimentos Sociais e entidades sindicais.

Nesse período, treze obras foram amplamente exibidas por instituições ligadas à agrupamentos mobilizadores, destacando-se *Terra para Rose* (1987) e *Anel de Tocum* (1994), como filmes de forte apelo inspirador. Tal processo se aproxima da lógica do *Cinema de Guerrilha*, articulando arte e engajamento político em um cenário permeado pela centralidade de luta pela terra.

A análise filmográfica das referidas obras nos possibilita entender como o cinema atuou na construção de sentidos, articulando *frames* e *master frames*, conceitos que ajudam a compreender a formação e o desenvolvimento dos ciclos de protesto. O cinema sul-brasileiro, com forte foco rural e etnográfico, contribuiu para dar visibilidade às lutas do campo.

Mesmo diante de sinais de progresso no cenário em questão, é reconhecidamente indispensável avançar nas investigações, especialmente nas de cunho empírico, o que demonstraria com maior propriedade os efeitos da referida estratégia comunicacional na mobilização social e ampliar o debate teórico sobre o uso de *frames*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AUMONT, J. et al. **A estética do filme**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

AUMONT, Jacques. **As teorias dos cineastas**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

BAUDRILLARD, J. **A transparência do mal**. São Paulo: Editora Papyrus, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DURKHEIM, E. **Sociologia e filosofia**. São Paulo, Ícone, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008.

HEINSFELD, Adelar. A fronteira: historicidade e conceitualização. *In*: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (Orgs.) **História da Fronteira Sul. Chapecó** : Ed. UFFS, 2016. pp. 25-42.

HAGEMeyer, R. **História & Audiovisual**. São Paulo: Editora Autêntica, 2012.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

JOLY, Fábio Duarte. Escravidão e fronteiras sociais e identitárias no mundo romano. *In*: VENTURA DA SILVA, Gilvan; MORAIS DA SILVA, Érica Christiane. **Fronteiras e identidades no Império Romano: aspectos sociopolíticos e religiosos**. Vitória: GM Editora, 2015. pp. 69-78.

KONIGSBERG, Ira: **The complete film dictionary**, Meridian Books, 1987.

KRACAUER, Siegfried. **De Caligari à Hitler: Uma história Psicológica do Cinema Alemão**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

KRACAUER, Siegfried. **Hollywood's Terror Films: do they reflect an American state of mind?**. *IN*. KRACAUER, S. Siegfried Kracauer American Writings: Essays of film and popular culture. California: University of California Press, 2012.

LEVI, Giovanni. **“Sobre a micro-história”** *In*: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

MYSKIW, Antonio M. **O Programa de Pós-Graduação em História da UFFS**. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 37, p. 271-286, 28 jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.36661/2238-9717.2021n37.12489>

MYSKIW, Antonio Marcos. Uma breve história da formação da fronteira no Sul do Brasil. *In*: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (Orgs.) **História da Fronteira Sul**. Chapecó : Ed. UFFS, 2016. pp. 43-72.

PEREIRA, Elenita Malta. **Movimentos Sociais e Resistência no Sul do Brasil**. Curitiba Appris Editora: (2020).

PICOLOTTO, Everton L. **Movimentos sociais rurais no sul do Brasil: novas identidades e novas dinâmicas**. *In*: Revista IDeAS, v. 1, n. 1, p. 60-77, jul.-dez. 2007.

ROCHA, Humberto José da. **História dos movimentos sociais na fronteira sul: oportunizarão política, mobilização e enquadramento interpretativo na luta pela terra**. *In*: História: Debates e Tendências – v. 18, n. 1, jan./jun. 2018, Passo Fundo:, 2018p. 133-154

RODRIGUES, Rogério Rosa; MACHADO, Paulo Pinheiro; VALENTINI, Delmir José; et al. (Orgs). **A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim**. São Paulo: Letra & Voz, 2023.

SNOW, David; BENFORD, Robert. **Master frames and cycles of protest**. In: MORRIS, Aldon; MUELLER, Carol McClurg (Orgs.). *Frontiers in social movement theory*. New Haven (CT): Yale University Press, 1992.

TEDESCO, João C. ; ROCHA, Humberto J. da; MYSKIW, Antonio M. (Orgs). **História dos Movimentos Sociais de Luta pela Terra no Sul do Brasil (1940-1980)**. Passo Fundo: Acervus Editora, 2021.

TEDESCO, J.C., SEMINOTTI, J.J., and ROCHA, H.J., ed. **Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil: questões contemporâneas** [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história: Os protagonistas anônimos da história**. Rio de Janeiro - RJ: Campus, 2002.

VANOYÉ, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise filmica**. 3.ed
Campinas: Papyrus, 2005.

VALIM, Alexandre Busko. História e cinema. In: **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**. VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 1997.

VALIM, Alexandre Busko. História e cinema. In: **Novos Domínios da História**. VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2012.

ANEL de Tocum: Direção: Conrado Berning. Brasil: Verbo Filmes, (1994). 1 DVD (70 min.).

TERRA para Rose: Direção: Tetê Moraes. Brasil: Versátil Home Vídeo, (1987). 1 DVD (83 min.).

DESCH, Dirceu. **Dirceu Dresch: entrevista** [fev. 2024]. Entrevistador: Ernoi Luiz Matielo. Treze Tílias, SC: Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil, 2024. 1 sonora. Entrevista concedida ao Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil.

MATIELO, Ernoi Luiz. **Ernoi Luiz Matielo: entrevista** [maio. 2024]. Entrevistador: Jean Fabiano Schelle. Marcelino Ramos, RS: Rádio Salette FM Marcelino Ramos, 2024. 1 sonora. Entrevista concedida ao Programa Espaço Aberto - Edição de Sábado.

MELCHIOR, Pedro. **Pedro Melchior: entrevista** [fev. 2024]. Entrevistador: Ernoi Luiz Matielo. Treze Tílias, SC: Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil, 2024. 1 sonora. Entrevista concedida ao Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil.

SANTIN, Vilson João. **Vilson João Santin: entrevista** [fev. 2024]. Entrevistador: Ernoi Luiz Matielo. Treze Tílias, SC: Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil, 2024. 1 sonora. Entrevista concedida ao Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil.

UCZAI, Pedro Francisco. **Pedro Francisco Uczai: entrevista** [fev. 2024]. Entrevistador: Ernoi Luiz Matielo. Treze Tílias, SC: Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil, 2024. 1 sonora. Entrevista concedida ao Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil.

AVENTURAS na história. Disponível em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/aposta-em-cavalos-que-ajudou-no-desenvolvimento-do-cinema.phtml>>. Acesso em 24 de março de 2024.

EBERT R. Collateral. Roger Ebert, 6 ago. 2004. Disponível em:

<<https://www.rogerebert.com/reviews/collateral-2004>>. Acesso em 17 de janeiro de 2024.

EBERT R. Thief. Roger Ebert, 1981. Disponível em:

<<https://www.rogerebert.com/reviews/thief-1981>>. Acesso em 17 de janeiro de 2024.

PRIMEIRO filme. Disponível em: <<https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/#:~:text=A%20no%C3%A7%C3%A3o%20de%20enquadramento%20%C3%A9,est%C3%A1%20sendo%20criado%20pelo%20filme.>>. Acesso em 14 de novembro de 2025.